

A PROBLEMÁTICA DO SUJEITO NA SEGUNDA TÓPICA FREUDIANA

Prof. Vincenzo Di Matteo*

Pretendo, neste artigo, analisar alguns paradoxos que perpassam a última reformulação do aparelho psíquico operada por Freud em *O Ego e o Id*.¹

Com o termo *paradoxo* entendo apenas o desafio para a reflexão filosófica que a tópica proporciona. Construída a partir de ‘opiniões’ e ‘especulações’, mas também de dados clínicos com os quais Freud procura legitimá-las, ela nos força a pensar. Quais as implicações para uma compreensão do sujeito?

A exigência de uma reflexão crítica sobre o que o fundador da psicanálise chama de ‘psicologia do ego’ não é apenas legítima, mas necessária, na medida em que ele próprio suspeita que a primeira tópica (1915) assentava sobre *fatos*, enquanto agora parecem apoiar-se sobre *opiniões*, isto é, *investigações teóricas*.² Ao expressar o desejo que as novas hipóteses sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho anímico não se limitassem a ‘apenas enriquecer nosso acervo de fórmulas’, desejava evidentemente que elas nos pudessem, de fato, auxiliar na compreensão e explicação do ser humano. É preciso, portanto, ir além da simples terminologia (Id, Ego, Superego), das metáforas tópicas retiradas da ‘geografia política’ (‘território estrangeiro’,³ ‘reinos’, ‘regiões’ ‘províncias’⁴); daquelas que caracterizam o ego (‘monarca constitucional’, ‘médico’, ‘escravo’, ‘político’, ‘protozoário’)⁵ e o id (caldeirão, caos...)⁶.

* Vincenzo Di Matteo é professor do Deptº de Filosofia da UFPE

² FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. ESB, v. XXII, p.76

³ Ibidem, p.75.

⁴ Ibidem, p.92 e 101.

⁵ FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.72 e 73.

⁶ FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. ESB, v. XXII, p.94

Passaria, agora o ego, a desempenhar o papel de protagonista no drama da vida psíquica?⁷ Seria o sucedâneo do Eu, do antigo conceito filosófico, mesmo que revestido, agora, de uma roupagem psicológica?⁸ Apareceria, finalmente, de uma maneira mais clara e tematizada a concepção psicanalítica do sujeito? Mas, nesse caso, onde ancorá-la? No Ego, no Id, no Superego? Quais as implicações dessa nova tópica para uma nova concepção de sujeito?

Ensaaiar algumas respostas a essas perguntas não é tarefa fácil, mesmo - e até diríamos especialmente - quando o discurso freudiano parece aproximar-se daquele filosófico. É dentro desse horizonte teórico da problemática da subjetividade, mas respeitando a especificidade epistemológica da psicanálise, que procederemos à leitura e interpretação de *O Ego e o Id*.⁹

A investigação se desdobra em três momentos: o primeiro, de natureza mais histórica; o segundo, mais analítico; o terceiro, mais reflexivo.

I - O CONTEXTO (o momento de rememoração histórica).

Inicialmente, é preciso agrupar os dados essenciais que permitam situar o texto na evolução do pensamento freudiano e da própria história do movimento psicanalítico.

1. Da primeira à segunda tópica

O artigo metapsicológico sobre o Inconsciente de 1915 é atravessado por um paradoxo. No momento em que esse conceito - até então central em psicanálise - estava recebendo sua forma mais refinada, era desalojado de sua posição central. Freud já estava convencido de que o inconsciente não coincidia com o recalcado e que

⁷ “Na última fase, o ego foi colocado em primeiro plano”. WOLLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. S. Paulo: Cultrix, 1971, p.181.

⁸ Esta seria a posição do historiador da psicanálise Henri F. Ellemberger registrada pelos autores do *Dicionário de Psicanálise*, Roudinesco e Plon no verbete *eu*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.210.

⁹ Além de *O Ego e o Id*, teremos presente a XXXI das *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (A dissecação da personalidade psíquica) onde, uma década depois, Freud retoma o mesmo tema.

o atributo de ser consciente não era o critério adequado para diferenciá-lo do sistema inconsciente.¹⁰ Estavam lançadas, assim, as bases para um remanejamento da metapsicologia do aparelho psíquico que encontrará sua sistematização na chamada teoria estrutural da mente de 1923. Em *O Ego e o Id*, Freud reconhecerá abertamente: “a característica de ser inconsciente começa a perder para nós todo o seu significado”.¹¹

As informações básicas sobre a época de redação podem ser recolhidas diretamente do epistolário freudiano.¹² Escrito em 1922 e publicado nos primeiros meses de 1923, *O Ego e o Id* sofreu a costureira autocrítica impiedosa de seu autor. Confessa a Ferenczi que se sentia realmente insatisfeito com essa obra, excetuando-se a idéia básica do ‘id’ e o esboço sobre a gênese da moralidade. Na avaliação dele, um livro ‘decididamente obscuro, composto de uma maneira artificial e mal escrito...’¹³

Na avaliação de P. Gay, porém, se o texto parece de algum modo obscuro isto se deve à ‘extrema concisão do seu trabalho do pós-guerra’. Está entre os mais ‘indispensáveis’ de Freud’, ‘o principal texto de suas últimas décadas’ e representa, ‘um triunfo de energia mental lúcida’, ‘o clímax inevitável de uma reavaliação que Freud iniciara uma década antes, acelerando-se após a guerra.’¹⁴

¹⁰ “Quanto mais procuramos descobrir o nosso caminho para uma visão metapsicologicamente real da vida mental, mais devemos aprender a emancipar-nos da importância do sintoma de ser consciente”. *O Inconsciente*. ESB, v. XIV, p.221.

¹¹ Segundo A. Green, a confirmação de um progressivo eclipse da idéia do inconsciente se encontra em *O Ego e o Id* onde o id destrona o inconsciente. “Pode-se falar, sem exagero, de um desapego crescente de Freud, a respeito do inconsciente na segunda metade de sua obra. Aquilo que nas descobertas iniciais da psicanálise, era um dos mais belos florões da coroa de seu criador, desvalorizou-se progressivamente, a ponto de, em 1939, no *Esboço de Psicanálise*, nenhum capítulo lhe ser consagrado em especial e o conceito que designava um sistema, passar ao nível de adjetivo”. GREEN, A. *O discurso vivo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p.213.

¹² Numa carta a Ferenczi de 1922, Freud relata o que se propõe escrever - ‘algo de natureza especulativa’ que pode dar num pequeno livro ou então em coisa nenhuma’, lamentando, um ano mais tarde, numa outra carta ao psicanalista húngaro, que o resultado do seu empreendimento não era rico de idéias e bem escrito como fora *Além do Princípio de Prazer*. Cf. também a carta enviada a Otto Rank (agosto do mesmo ano).

¹³ Essas informações são relatadas por JONES, E. *Vida e Obra de S. Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.661 e por GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.376-377.

¹⁴ Cf. GAY, P. *Freud*. O.c., p.373 e 377.

O que, afinal, representa *O Ego e o Id* numa visão retrospectiva e prospectiva do pensamento freudiano e do próprio movimento psicanalítico?

2. Continuidade ou inovação?

Para o primeiro biógrafo de Freud, *O Ego e o Id* de 1923 foi 'a produção mais importante desse ano, um livro que inaugurou uma fase inteiramente nova'.¹⁵ Mas será que era *inteiramente* nova?

Na introdução do editor inglês, é possível ler o seguinte:

"*O Ego e o Id* é o último dos grandes trabalhos teóricos de Freud. Ele oferece uma descrição da mente e de seu funcionamento que, à primeira vista, parece nova e até mesmo revolucionária, e, em verdade, todos os escritos psicanalíticos que datam de após sua publicação portam a marca inequívoca dos seus efeitos, pelo menos com relação à terminologia. Entretanto, apesar de todas as suas novas compreensões internas (insights) e sínteses, podemos traçar, como tão amiúde acontece com as aparentes inovações de Freud, as sementes de suas novas idéias em trabalhos anteriores e, às vezes, muito anteriores".¹⁶

Da mesma opinião é a maioria dos estudiosos da obra freudiana. De fato, já na primeira tópica, que se origina do *Projeto para uma psicologia científica* e culmina no artigo metapsicológico de 1915, o que realmente importa na descrição desse 'aparelho', dessa 'máquina' da alma, não são tanto as partes de que se compõe, nem o seu funcionamento, mas a descoberta da existência em nós de uma "outra coisa" (*ein Anderes*), de algo radicalmente outro que funciona a nossa revelia e que nos determina numa série de condutas (sonhos, atos falhos, sintomas...) irredutíveis ao domínio de uma subjetividade transparente a si mesma e soberana. Será precisamente essa 'outra coisa' que reaparece na segunda tópica com o nome de 'id'. Assim, também, o superego vem substituir o conceito de 'ideal do ego' e o ego é algo que se encontra tematizado desde o *Projeto*.

Em suma, o Id, o Ego, o Superego derivam de conceitos que são retomados e articulados com a nova teoria das pulsões (1920). A nova tópica é 'nova' entre aspas nos diz Laplanche, porque suas raízes são muito antigas e porque nunca conseguirá destronar totalmente a primeira.¹⁷

3 - As repercussões

Uma prova adicional de que o texto não revelou coisas muito novas ou polêmicas é a fraca resistência encontrada nos meios psicanalíticos. Na realidade, essa descrição do aparelho psíquico oferecia uma análise mais detalhada e clara da estrutura e do funcionamento da mente.

Suscitou, portanto, mais aprovação do que críticas. As restrições limitaram-se ao nome de Groddeck,¹⁸ apresentado como 'patrocinador' da idéia do id. Por sua vez, o autor de *O Livro d'Isso*,¹⁹ publicado algumas semanas antes de *O Ego e o Id*, reconheceu que o livro de Freud era 'bonito', mas 'inconseqüente', na medida em que o autor desconsiderava os aspectos construtivos do Isso.²⁰ Ao mesmo tempo, insinuou que o fundador da psicanálise estava semeando sobre um terreno desbravado por ele.

Freud, de fato, conhecia o pensamento de Groddeck tanto através de livros quanto da correspondência epistolar que se estabeleceu entre eles.²¹ Não nos deteremos, porém, sobre essas insinuações de plágio.²² Aqui nos limitamos a registrar a divergência básica que o primeiro enxergava entre sua concepção do Isso e a de Groddeck. Ao enviar

¹⁷ Na realidade, a primeira tópica não foi ultrapassada. Freud convive com as duas descrições e tentará até seu último texto sistemático *O Esboço de psicanálise* sintetizar os dois pontos de vista. Sobre esse tema de novidade e retorno em psicanálise, remetemos ao texto de Laplanche *O inconsciente e o id*. Paulo: Martins Fontes, 1992, p.120.

¹⁸ Alguns dados essenciais sobre esse 'analista selvagem', como ele mesmo se denominou, se encontram em: GAY, P. *Freud*. O.c., p.374ss. Cf. também o verbete Groddeck, Georg em: ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.315-318.

¹⁹ GRODDECK, G. *O livro d'Isso*. S. Paulo: Perspectiva, 1984. Tit. Orig.: *Das Buch von Es*.
²⁰ "O Isso vive o homem; é a força que o faz agir, pensar, crescer, sentir-se bem ou doente, numa palavra, que o vive". GRODDECK, G. *O livro d'Isso*. O.c., p.229

²¹ Foram cerca de 80 cartas entre 1917 e 1925.

²² Sobre o assunto, remetemos ao texto de LAPLANCHE, J. *O ego e o id*. O.c., especialmente as aulas de 5e 7.12.78, respectivamente, p.135-145; 145-158. Veja também, GREEN, A. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982, p.22ss.

¹⁵ Cf. JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. O.c., p.661.

¹⁶ Introdução do editor inglês. In: *O Ego e o Id*. O.c., p.14.

seus melhores votos pelo sexagésimo aniversário do amigo, Freud captou a distância entre ambos numa frase divertida: ‘Meu Ego e meu Id cumprimentam seu Isso’.

Segundo P. Gay,

“Freud não aceitava a máxima de Groddeck de que somos vividos pelo Isso. Ele era um determinista, não um fatalista: para Freud existem forças intrínsecas na mente, concentradas no ego, que dão aos homens e às mulheres um domínio, mesmo que parcial, sobre si mesmos e sobre o mundo exterior”.²³

Essa concepção freudiana do Isso força a repensar a problemática da subjetividade, mas não a anula, enquanto a de Groddeck a compromete irremediavelmente. Se tudo isso for verdade, quais as implicações antropológicas, éticas e culturais decorrentes da segunda tópica?

4. As implicações

Na percepção de P. Gay, essa nova psicologia do ego serviu para “transformar a tragicomédia privada da psicanálise do pré-guerra numa peça com referências muito mais amplas - um drama historicamente encenado”,²⁴ estimulando Freud e outros pensadores influenciados pela psicanálise a explorar o mundo da arte, da moral, da religião, da cultura em geral na trilha dessa instância, o ego, que luta, negocia no front externo (meio ambiente) e interno (id e superego), “como um cavaleiro que, por mais árdua que fosse sua dupla tarefa de domar o id e pacificar o superego, ao mesmo tempo mantém os olhos abertos para o campo ao seu redor e, além disso, aprende com a experiência enquanto prossegue em sua galopada”.²⁵

Mais otimista ainda, o psicanalista Pfister, depois de ter relido o texto pela décima vez, confidenciou a Freud: “Fiquei contente em ver como o senhor, desde esse trabalho, voltou-se para os jardins da humanidade, depois de ter investigado previamente apenas as fundações

e a cloaca de suas casas”. Concordaria com essa interpretação o fundador da psicanálise?

Nada melhor do que o próprio texto para identificar se, de fato, há essa distância entre cloaca e jardim de uma casa ou entre determinismo e fatalismo, distinção, essa, que pode ser bem mais sutil do que a primeira, mas que é essencial para legitimar um discurso sobre o sujeito.

II - O TEXTO (momento analítico)

1. As chaves de leitura

Antes da leitura do texto, porém, uma pergunta - legítima, mas de difícil resposta - se impõe: como ler *O Ego e o Id*? A segunda tópica, de fato, deu origem a três leituras diferentes e até divergentes:

“A primeira destaca um eu concebido como um pólo de defesa ou de adaptação à realidade (Ego Psychology, annafreudismo); a segunda mergulha o eu no isso, divide-o num eu [moi] e num Eu [je] (sujeito), este determinado por um significante (lacanismo); e a terceira inclui um eu numa fenomenologia do si mesmo ou da relação de objeto (Self Psychology, kleinismo)”.²⁶

Se uma leitura objetiva e consensual é praticamente impossível, resta a obrigação de evitar uma leitura tendenciosa. Nesse sentido, é preciso identificar inicialmente a estrutura e o estilo do texto para, em seguida, evidenciar as idéias principais de cada capítulo.

1 - A estrutura do texto:

No início do último capítulo de *O Ego e o Id*, Freud escreve:

“A complexidade de nosso tema geral deve ser uma desculpa para o fato de nenhum dos títulos de capítulo deste livro corresponder inteiramente ao conteúdo e de, voltando-nos para novos aspectos do assunto, estarmos constantemente retomando tópicos que já foram tratados”.²⁷

²³ GAY, P. *Freud*. O.c., p.376.

²⁴ Ibidem, p.379.

²⁵ GAY, P. *Freud*. O.c., p.379.

²⁶ ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. O.c., 1998, p.210.

²⁷ FREUD, S. *O ego e o id*. O.c., p.64.

De fato, não obstante a pertinência dos títulos dos capítulos e de sua seqüência, o material apresentado parece transbordar deles. A razão disso, no meu entender, reside na dificuldade em harmonizar dois objetivos que o autor persegue: rememorar os momentos em que suas idéias sofrem uma inflexão (preocupação com a diacronia) e costurá-las numa 'síntese' (sincronia).

Talvez seja produtivo e proveitoso, num primeiro momento, seguir 'a ordem das matérias' do texto, para em seguida articular nossas reflexões em torno da 'ordem das razões' que regulam o discurso freudiano da segunda tópica.

2. A ordem das matérias

2.1 - Prefácio.

Freud acentua logo de início o caráter inovador do texto: 'novo desenvolvimento' de idéias expostas em *Além do Princípio do Prazer*; 'novas conclusões' decorrentes de diversos fatos de observação clínica.

Sempre disposto a reconhecer a dívida com outros pesquisadores, nesse caso - com ligeira truculência segundo P. Gay²⁸ - reivindica sua originalidade, não se sentindo onerado por algum débito de gratidão.

Alerta-nos a respeito de alguns pontos. Primeiro: trata-se de uma 'síntese' mais do que uma 'especulação' - que revela de alguma maneira um certo objetivo ambicioso, mas que não passa de um grosseiro esboço. Segundo: se apenas agora a psicanálise aborda determinados temas é porque seguiu seu 'caminho específico' que ainda não a tinha conduzido tão longe. Terceiro: quando os aborda, 'as coisas têm para ela uma aparência diferente da que têm para os outros'.

Quem são esses 'outros', Freud não diz. É uma advertência, porém, que especialmente os filósofos devem ter presente para que não confundam algumas semelhanças semiológicas com as semânticas. Em outras palavras: o ego de Freud certamente não é o ego do *ego* cartesiano ou do *Eu penso* kantiano.

2.2 - A consciência e o que é inconsciente.

Nesse capítulo introdutório, Freud nos adverte que não se encontra nada de novo a não ser uma repetição de algumas teses básicas da psicanálise, a saber: que a premissa fundamental dela é a divisão do psiquismo em consciente e inconsciente; a essência do psíquico não reside na consciência; as resistências lógicas dos filósofos à concepção psicanalítica do psiquismo decorrem da ignorância deles a respeito dos fenômenos dos sonhos, da hipnose e da patologia; o termo inconsciente pode ser entendido como *latente*, o que é capaz de tornar-se consciente e como *dinâmico*, o que por si mesmo, sem algum trabalho, não pode tornar-se consciente; que o recalçado é o protótipo do inconsciente; que ao inconsciente descritivo foi dado o nome de *pré-consciente*, restringindo o termo inconsciente ao recalçado, resultando a divisão do psiquismo em consciente (*Cs.*), pré-consciente (*Pcs.*) e inconsciente (*Ics.*)

Essa primeira descrição do aparelho psíquico se revelou inadequada quando a psicanálise descobre a dimensão inconsciente presente no próprio *eu* (*ego*).

Inicialmente, a repressão era atribuída ao 'eu', a essa 'organização coerente de processos mentais'. Todavia, a descoberta das resistências à cura levou a psicanálise a perceber que também essas últimas são de natureza inconsciente. O ego não é só a instância mental que controla a motilidade, os atos conscientes, a censura dos sonhos, mas também a que cuida das repressões. Há uma dimensão inconsciente do ego que se comporta como o recalçado, isso é, que produz efeitos poderosos inconscientes (resistência) e que precisa de um trabalho especial para se tornar consciente. Em outras palavras: o Inconsciente não coincide com o recalçado e há também uma parte do ego - "e sabem os Céus que parte tão importante", segundo as próprias palavras de Freud - que pode ser inconsciente, indubitavelmente é inconsciente.²⁹

O Inconsciente, portanto, deixa de ser um sistema e se torna apenas uma qualidade do recalçado (*Id*), do recalcante (*Ego*), do latente (*Pré-consciente*).

²⁸ GAY, P. *Freud*. O.c., p.377.

²⁹ FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.30.

2.3 - O Ego e o Id.

Ao focalizar o ego, Freud resume novamente o caminho percorrido. A consciência foi entendida inicialmente como *a superfície* do aparelho anímico com a função precípua da atividade perceptiva tanto dos estímulos recebidos de fora (percepções sensoriais) quanto, de dentro (sensações e sentimentos). Mas o que acontece diante dos processos de pensamentos? São eles que abrem caminho até a consciência ou essa vai até eles? Freud, ao retomar essa problemática já levantada no artigo metapsicológico sobre o Inconsciente, responde vinculando as representações inconscientes àquelas verbais que lhes são correspondentes.

A essa parte da mente, cujo núcleo é constituído pelo sistema perceptivo, Freud dá o nome de *Ich* (Ego). A gênese dele é atribuída a dois fatores: à influência da atividade perceptiva e ao próprio corpo.

O ego, na concepção de Freud, não está 'nitidamente separado do id. A parte inferior se funde com ele', não passando de uma modificação do id 'pela influência direta do mundo externo'. Essa parte do id, que se diferencia, tem a função de procurar substituir o princípio de prazer pelo de realidade. "O ego - escreve - representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões".³⁰

As relações entre o ego e o id são muito estreitas e assimétricas. Estão representadas plasticamente pela famosa metáfora do cavaleiro (ego) que deve controlar o cavalo (id), mas sem possuir uma força autônoma. Terá que tomá-la emprestada ao id, o que 'com frequência' o leva menos a conduzir o cavalo e mais a ser conduzido por ele. Em suma, "o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse própria".³¹

O outro fator que atua na gênese e formação do ego é o corpo próprio. Numa frase lapidar, Freud nos diz que "O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal",³² na medida em que o tato e a dor

nos permitem ter do corpo uma sensação equivalente a uma percepção interna. O ego, portanto, "não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio, a projeção de uma superfície".³³

Quanto às relações do ego com a consciência, Freud nos diz que a experiência psicanalítica desaponta a crença comum de que o que é mais elevado no psiquismo está na região superior da consciência. Na realidade, não apenas o exemplo das resistências ao tratamento, mas também os valores éticos introjetados e as faculdades de autocrítica, são de natureza inconsciente. De modo que Freud pode concluir o capítulo afirmando que "não apenas o que é mais baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente".³⁴

2.4 - O Ego e Superego (Ideal do ego)

O ego, de fato, não é apenas a resultante da diferenciação do id pela mediação do sistema perceptivo. Há uma outra distinção dentro dele, a ponto do eu não coincidir com a consciência. São aquelas funções psíquicas ligadas às aspirações ideais, às exigências e proibições morais que Freud chamou inicialmente de 'ideal de ego'.

Segundo o fundador da psicanálise, há dois fatores que estão na origem do superego: um de natureza biológica, outro de natureza histórica. O primeiro, relacionado com o desamparo da criança e com a longa dependência da infância. O segundo, com o destino do complexo de Édipo.

O superego é a resultante, o resíduo das primeiras escolhas objetivas do id e das primeiras identificações, destacando-se aquela com o próprio pai. O que diferencia a escolha de objeto da identificação é que no primeiro caso, o pai é a pessoa que gostaríamos de *ter*. No segundo, o que gostaríamos de *ser*. Todavia as coisas são mais complexas na medida em que o superego é também a expressão de uma formação reativa contra essas escolhas, porque se trata de ser e não ser como o pai.³⁵

³³ Ibidem, p.40.

³⁴ Ibidem, p.41.

³⁵ "A sua [do superego] relação com o ego não se exaure com o preceito: Você *deveria ser* assim (como o seu pai). Ela também compreende a proibição: 'Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele'". FREUD, S. *O ego e o id*. O.c., p.49

³⁰ Ibidem, p.39.

³¹ Ibidem, p.39. Essa metáfora do cavalo e do cavaleiro é retomada em A dissecação da personalidade psíquica. cf. *Novas Conferências Introdutórias à psicanálise*. O.c., p.98

³² FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.40.

O ego, portanto, enquanto sistema Percepção-Consciência é essencialmente o representante do mundo externo; enquanto superego, representante do mundo interno, do id.³⁶

Surpreendentemente, o superego não aparece no título do livro, nem no gráfico que Freud rascunhou da segunda tópica, mesmo julgando essa parte que trata da gênese do superego uma das poucas coisas positivas do livro.

2.5 - As duas classes de pulsões

Nesse capítulo Freud analisa as relações dinâmicas que se estabelecem no interior desse aparelho diferenciado em Id, Ego e Superego.

Retoma inicialmente a teoria do narcisismo e de *Além do princípio do prazer*, a divisão das pulsões em as de Eros e de morte, de sua imbricação (fusão) e desimbricação (desfusão).

2.6 - As relações dependentes do Ego

Finalmente chegamos ao último capítulo, que mais nos interessa, onde a força e fraqueza do ego são contrastadas.

No prato da balança da força se encontram as ‘importantes’ funções que o ego desempenha: ser mediador entre o mundo externo e o id e, nesse sentido, é um auxiliar do id; responsável pela ordem temporal dos processos mentais e pela submissão ao teste da realidade; controlar o adiamento das descargas motoras e o acesso a motilidade; tentar sujeitar o id, retirando-lhe a libido dirigida aos objetos e transformando-a em estruturas do ego; evoluir da simples percepção das pulsões para o controle deles, da obediência para a inibição. Uma manifestação evidente da força do ego é o fato de que “A psicanálise é um instrumento que capacita o ego a conseguir uma progressiva conquista do id”.³⁷

No prato da fraqueza do ego, Freud coloca: a dependência com relação ao id por não ser apenas o auxiliar dele, mas também “um escravo submisso que corteja o amor de seu senhor”;³⁸ a servidão aos

três tirânicos senhores: o mundo externo, a libido do id, a severidade do superego; o medo diante dessas três ameaças que se manifesta nos três tipos respectivos de angústia; o pavor que tem do superego; o medo da consciência que, no fundo, é uma reedição do medo de castração, provavelmente o núcleo em torno do qual o medo subsequente da consciência se agrupou.

Mais. No último período do livro, ao retomar o discurso sobre o id, Freud nos diz que esse não possui meios de demonstrar ao ego amor ou ódio, não pode dizer o que quer, não alcançou uma vontade unificada e que, no fundo, se acha “sob o domínio das silenciosas mas poderosas pulsões de morte, que desejam ficar em paz e fazer repousar Eros, o promotor de desordens; mas talvez isso – pondera Freud – seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros”.³⁹

III. OS PARADOXOS DA NOVA TÓPICA

(Momento reflexivo)

Ao trabalho relativamente fácil de historiador da filosofia, relatando da maneira mais objetiva possível o pensamento de Freud, segue um outro mais arriscado, o de filósofo, procurando identificar ‘a ordem das razões’ que presidiram a reformulação metapsicológica do psiquismo e tecer algumas reflexões antropológicas.

1. A ordem das razões

As razões que levaram Freud a reformular a primeira tópica são variadas e podem ser agrupadas, segundo Laplanche, em torno de três dificuldades internas do pensamento freudiano: os *limites* do inconsciente (coincidiria apenas com o recalçado?); o *conflito* psíquico (estaria na relação inconsciente - consciente?); o *conteúdo* do inconsciente (seria formado apenas de fantasias ou de pulsões?).

O que é interessante nessa reformulação é que ela não se articula a partir do id, mas do ego e, nesse sentido, o título do livro faz jus a essa verdade. A prática clínica dele, especialmente a experiência da

³⁶ Ibidem, p.51

³⁷ Ibidem, p.72

³⁸ Ibidem, p.73

³⁹ Ibidem, p.76.

‘reação terapêutica negativa’, o convenceu cada vez mais que parte do ego também era inconsciente.⁴⁰

Em suma, é a evolução da noção de ego, a partir da teoria do narcisismo, da importância das identificações e da descoberta das instâncias ideais na constituição do psiquismo, que vão comandar a reformulação.

Desde as *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-17), Freud considera a tentativa de descrever o ego como a ‘tarefa maior’ ou a ‘conquista maior’ da psicanálise, mais, portanto, do que a descrição das vicissitudes da libido. Todavia os métodos de abordagens utilizados pela psicanálise são diferentes. “A psicologia do ego que estamos investigando - escreve - não deve basear-se nos dados de nossas autopercepções, mas sim (como no caso da libido) na análise dos distúrbios e nas rupturas do ego”.⁴¹

É a patologia do ego que nos revela as suas ‘rupturas’, ‘divisões’, ‘brechas’, ‘rachaduras’, ‘clivagens’ segundo a bonita imagem do cristal que, ao despedaçar-se, não se fragmenta ao acaso, mas “segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal”.⁴²

Nesse sentido, a estrutura do ego não é sólida e compacta, menos ainda transparente. O ego é a resultante de uma série de identificações que se articulam em torno do que Freud chama às vezes de ‘grandes instituições’ do ego, uma espécie de governo com seus vários ministérios: do exterior, encarregado da prova da realidade; do interior, com sua subdivisão em ministério da censura, da ordem, da polícia, da consciência moral etc... Um governo, evidentemente, não necessariamente coerente, mas conflitivo dentro dele mesmo e, além disso, acochado por instâncias poderosas que o tornam refém de suas tirânicas exigências.

Desse remanejamento de tópica resulta uma descrição do sujeito muito próxima de um certo antropomorfismo, como se as ‘instâncias’

⁴⁰ Em *Além do Princípio de Prazer*, Freud, na primeira edição (1920) afirmava que “pode ser que uma grande parte do ego seja, ela mesma, inconsciente; somente uma parte dele, provavelmente, é abrangida pelo termo ‘pré-consciente. Na segunda (1921) afirmava que “É certo que grande parte do ego é, ela mesma inconsciente...” somente uma pequena parte dele é abrangida pelo termo ‘pré-consciente’”. Cf. Nota do tradutor inglês, o.c., p.17

⁴¹ FREUD, S. A teoria da libido e o narcisismo. In: *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Vol. XVI da ESB, p.493.

⁴² FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. O.c., p.77.

psíquicas fossem ‘personagens’ reais dentro de nós. Passa-se de uma descrição mais abstrata e psicologizante da primeira tópica, para outra mais plástica, mais dramática, onde a dimensão histórica e intersubjetiva se torna mais evidente. Mas, quais desses personagens encarnam o sujeito?

Num primeiro momento, poderíamos afirmar que nos defrontamos com duas figuras básicas de sujeito: a primeira, que a identifica com o eu (ego) e mais precisamente com a consciência e suas representações; a segunda, com ‘representações’ obscuras e até com ‘forças’ poderosas que se impõem e controlam o mundo das representações (id).

2. A subjetividade na problemática do Ego.

2.1 - A importância do Eu (consciência)

Mesmo reconhecendo que a consciência é uma simples ‘qualidade’ do psíquico, não é supérfluo lembrar que para Freud isso constitui, afinal, “o nosso único farol na treva da psicologia profunda”,⁴³ que “todo nosso conhecimento está invariavelmente ligado à consciência. Só podemos vir a conhecer, mesmo o Inconsciente, tornando-o consciente”.⁴⁴ Finalmente, não obstante o critério do ser consciente mostrar-se tão pouco digno de fé, seria uma injustiça não reconhecer que sem a consciência estaríamos perdidos na obscuridade da psicologia profunda. Podemos afirmar dela o que dizemos de nossa vida: “não tem muito valor, mas é tudo o que temos.”⁴⁵

Todas essas afirmações nos revelariam o lado cartesiano (primazia da consciência) ou o lado ptolomaico (centralidade da consciência) de Freud? Quais seriam as funções do ego? Haveria um ‘núcleo’ do eu? E se a resposta for positiva, o que Freud nele coloca ou enxerga?

2.2 - As funções e o núcleo do Ego

Tem razão Freud quando acha injusta a censura dirigida à psicanálise de não dar suficientemente atenção à parte superior do

⁴³ FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.31.

⁴⁴ *Ibidem*, p.32.

⁴⁵ FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. O.c., p.90.

psiquismo. De fato, já vinha descrevendo as funções do ego desde *O Projeto* (1895). Fundamentalmente se reduzem a três: a de perceber o mundo externo e interno (Percepção); atuar sobre ele (Motilidade); controlar e adaptar-se a ele (Defesa). Tinha falado, também, das funções que seriam próprias da subjetividade filosófica: a da consciência (autoconsciência) e consciência moral (autonomia e liberdade).

Na segunda tópica, além das funções antigas que conserva - percepção, controle da motilidade, defesa – o ego adquire a importante função política do poder: articular exigências contrárias e até contraditórias provenientes do mundo externo, do id e do superego. Fraco poder, na realidade. O que chama atenção nessa descrição de Freud é a constelação de adjetivos ambivalentes que o acompanham (*fraco, dependente, mais forte, maduro*); aqueles assustadores que caracterizam o superego (*tirânico, cruel, severo, destrutivo, mortífero, punitivo, agressivo*) ou acompanham o id (*assassino, cruel*). Não é de estranhar, portanto, se os sentimentos que o dominam o ego são de *medo e pavor*.

Em suma e com outras palavras, o ego freudiano, representado pelo cavaleiro, “não está apenas (pode-se dizer) furiosamente empenhado em manter as rédeas de seu cavalo teimoso, o id, como ainda é forçado, ao mesmo tempo, a lutar com uma nuvem de abelhas bravas, o superego, enxameando sobre ele”.⁴⁶

De fato, no núcleo do ego não encontramos apenas o sistema Percepção-Consciência⁴⁷, mas o próprio superego.⁴⁸ É, portanto, com um misto de satisfação e ironia que, a uma certa altura de seu artigo, Freud se defende da acusação que freqüentemente era dirigida à psicanálise, isso é, ‘a de ter ignorado o lado mais elevado, moral, suprapessoal da natureza’. A crítica, na avaliação dele, era duplamente injusta tanto de um ponto de vista histórico quanto metodológico.

“Mas agora que empreendemos a análise do ego, podemos dar uma resposta a todos aqueles cujo senso moral ficou chocado e que se queixavam de que, certamente, deveria haver uma natureza mais alta no homem: ‘Muito

certo’, podemos dizer, ‘e aqui temos essa natureza mais alta, neste ideal do ego ou superego, o representante de nossas relações com nossos pais’”.⁴⁹

2.3 - Subjetividade e descentramento

Se tudo isso for verdade, duas conclusões parecem impor-se.

Primeiro: não nascemos com um ego. Ele tem uma gênese (história) e está radicalmente marcado pelo ‘outro’, na medida em que “é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto”.⁵⁰

Segundo: é impossível fazer coincidir a subjetividade com o Eu consciente. Se colocarmos o centro do autoconhecimento e da autodeterminação nesse último, a psicanálise nos revela tratar-se de um centro aparente. O lugar (tópica) de nossa verdade está descentrado no inconsciente, na sua tríplice manifestação do ‘outro’ e da cultura em geral (superego), das resistências que o próprio eu opõe ao tratamento (ego) e das pulsões mudas (Tanatos) ou loquazes (Eros) que reclamam sua satisfação.

3. A subjetividade na problemática do Isso (Id).

Decididamente uma filosofia do sujeito não pode reduzir-se a uma filosofia da consciência ou do eu. Resta, então, procurar estender a reflexão até o id. O que pode significar sua introdução em psicanálise? Estaríamos diante de um descentramento ainda mais radical do sujeito?

3.1- Primeira e segunda tópica: uma confrontação

Se confrontarmos a primeira (1915) e a segunda tópica (1923), fica logo evidente que o *Isso* não é apenas um sinônimo do inconsciente, mesmo que existam muitos pontos em comum.

Essa confrontação está de alguma maneira tematizada nas *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* quando Freud assim nos descreve o id:

⁴⁹ FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.51.

⁵⁰ FREUD, S. *O ego e o id*. O.c., p.43-44.

⁴⁶ GAY, P. *Freud*. O.c., p.378

⁴⁷ Na nota 2 do começo do cap. III de *O ego e o id*, Freud escreve que “só o sistema *Pcpt -Cs* pode ser considerado como o núcleo do ego”. FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.42.

⁴⁸ Ao mencionar a estrutura do ego, Freud escreve: “Esse ego não é uma entidade simples. Abriga dentro dele, como seu núcleo, um agente especial: o superego”. FREUD, S. *O humor*. Vol. XXI da ESB, 1974, p.192.

“É a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade... Abordamos o id com analogias; denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante... Está repleto de energias que a ele chegam dos instintos [pulsões], porém, não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades instintuais [pulsionais]...”.⁵¹

O que há dentro dele são ‘impulsos plenos de desejos que jamais passaram além do id, os quais, junto das impressões que foram mergulhadas no id pelas repressões, são virtualmente imortais’.⁵²

Diferentemente do Inconsciente da primeira tópica, habitado pelo recalcado com seu mundo de lembranças e fantasias, isso é, de ‘representações’, o id da segunda tópica “está mais próximo de uma força vital, mais distante dos objetos familiares e, pelo menos em seu estrato mais profundo, ‘mais’ desconhecido”.⁵³

Além disso, ao conceito de id está associado o da pulsão de morte, ausente na primeira tópica. Enquanto o Inconsciente é organizado e estruturado, o id representa também essa força cega, opaca, inacessível à exploração, muda, ainda mais ‘selvagem’, mais rebelde à domesticação’.⁵⁴

Uma distinção simples e significativa entre Inconsciente e id é apresentada por Pontalis quando afirma: “O inconsciente se escreve em letras minúsculas. Seja, mas *ISSO* se escreve em letras maiúsculas”.⁵⁵ Mas o que pode ser escrito de algo que ignora a sintaxe, a organização? Qual o estatuto desse ISSO, desse núcleo de nosso ser, desse lugar, dessa tópica que no fundo é *a-tópica*? É mais caos, caldeirão. É força, poder, mas algo de informe que só pode ser dito de uma maneira negativa: é inominável, não figurável.

Em suma, como na nossa democracia acusamos uma crise de ‘representação’ política, uma defasagem entre nossos ‘substitutos’, ‘delegados’ e nós mesmos, assim a descrição da chamada segunda

tópica nos parece dizer que todo o aparato representativo do id não o esgota. O termo nos reenvia mais ainda ao pulsional que se agita em nós e através do pulsional ao biológico que o sustenta. Reafirma a existência de processos primários que em nós vivem. Radicaliza a idéia que há algo de impessoal e anônimo, um anti-sujeito, que nos move, o que implica o descentramento do sujeito consciente e autônomo para o lugar das pulsões e de suas fontes somáticas.

Se compararmos, de fato, os dois esboços da segunda tópica desenhados pelo próprio Freud, nota-se facilmente que o de 1933 não apenas inclui o superego no desenho, mas está aberto para baixo.⁵⁶ É por e nessa abertura que se produz o que Freud chama de ‘representância’, delegação do somático junto ao psíquico.⁵⁷

3.2 - As hesitações de Freud

Diante desse superpoder do id, a compreensão do ‘eu’ (ego) é hesitante, ora achando que pode domesticar, pelo menos em parte, o Isso, ora que está irremediavelmente condenado a ser um ‘pobre diabo’, um ‘escravo’ que deve servir a três ‘tirânicos’ senhores. Em suma, o id é totalmente amoral, o superego, supermoral, o ego se esforça para ser moral, mas não passa de uma ‘pobre coisa’, um negociador acuado, adulator, oportunista, mentiroso, servil. Poucas vezes Freud duvidou de que, na divisão de poderes em geral, o vencedor não é o ego, mas é o id.⁵⁸

Com relação ao id, a mesma hesitação, reconhecida pelo próprio Freud, na medida em que parece identificá-lo fundamentalmente com a pulsão muda da morte, subestimando o papel de Eros.

De uma maneira paradoxal, portanto, na medida em que uma nova teoria do ego parecia apontar para uma certa ‘autonomia’ do indivíduo empírico, a noção de id nos reenvia para a heteronomia e a impessoalidade que nos determina.

⁵¹ FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. O.c., p.94.

⁵² Ibidem, p.95.

⁵³ LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o Id*. O.c., p.157.

⁵⁴ Cf. GREEN, A. *O discurso vivo*. O.c., p.215.

⁵⁵ PONTALIS, J.-B. ISSO em letras maiúsculas. *Percursos*, Revista de psicanálise da Sedes Sapientiae, S. Paulo, v.XII, n.23, p.12

⁵⁶ Para Freud não passam de ‘desenhos desprezíveis’ (Cf. *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. O.c., p.100. Cf. ibidem a respeito da posição vertical ou horizontal do desenho).

⁵⁷ Talvez pudéssemos até dizer que o conceito freudiano de pulsão - ‘conceito limite entre o psíquico e o somático’ - é o equivalente analógico da glândula pineal de que falava Descartes. Cf. LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o Id*. O.c., p.164.

⁵⁸ GAY, P. *Freud*. O.c., p.378.

Justifica-se, então, a interpretação controversa da famosa frase com que se encerra a XXXI das *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise: Wo Es war, soll Ich werden*.⁵⁹ Como traduz Roudinesco-Plon: “Ali onde isso era, eu devo advir”. Já para Lacan trata-se de mostrar que o eu não pode surgir no lugar do Isso, mas que o sujeito (*je*) deve estar ali onde se encontra o Isso, determinado por ele, pelo significante.”⁶⁰

4. A especificidade da subjetividade freudiana
Seja qual for a interpretação mais próxima do pensamento freudiano, ambas parecem concordar em situar a questão do sujeito na sua vinculação essencial com o desejo inconsciente, com as pulsões. Pode até ser que esse aspecto energético do sistema tenha sido tomado de empréstimo à filosofia (Nietzsche e Schopenhauer), mas tem razão Freud quando reivindica sua independência de pensamento nessa descrição do psiquismo que nos oferece.

O id de Nietzsche - mesmo que pela mediação de Groddeck - para dizer ‘as coisas mudas que ainda não conseguia dizer’⁶¹ não tem para Freud o mesmo significado. No parágrafo final de *O Ego e o Id* volta a insistir sobre a diferença com Groddeck, mostrando como o seu id não tem vontade unificada. É mais o teatro de uma luta de ‘gigantes’ entre Eros e as pulsões de morte, mudas, mas poderosas,

⁵⁹ “Seu propósito [da psicanálise] é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura - não diferente da drenagem do Zuider Zee”. Sobre os problemas de tradução, veja as considerações de LAPLANCHE, J. A sublimação e o *Wo Es war*. In: *Problemáticas III: a sublimação*. S. Paulo: Martins Fontes, 1989, p.161-163.

⁶⁰ ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. O.c., p.212.

⁶¹ A frase toda é a seguinte: “Acabo de adquirir um Nietzsche, em quem espero encontrar palavras para muito do que permanece emudecido em mim, mas ainda não abri. Preguiçoso demais, por ora”. MASSON, Jeffrey Moussaieff (ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm. Fliess, 1887-1904*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.399. Nessa mesma carta datada de 1 de fev. de 1900 se encontra a famosa autocompreensão de Freud: “Pois a verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Sou por temperamento, nada além de um conquistador (*T*) - um aventureiro, se você quiser que eu traduza - com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie.” Ibidem, p.399.

desejando silenciar e fazer repousar o ‘promotor de desordens’ - Eros -, mas sem que a batalha estivesse vencida de antemão.⁶²

Segundo P. Gay “a versão de Freud sobre Eros era o relato de uma luta, não de uma rendição”.⁶³ É verdade que prefere intitular o último capítulo de *relações de dependência do ego*, mas essa dependência não é uma subordinação completa à moda de Groddeck que “retira toda consistência, toda eficácia, de uma consciência puramente ilusória”.⁶⁴

Quanto a Schopenhauer, considerado apressadamente por Freud como um precursor dele, é preciso reconhecer que, para o solitário de Frankfurt, a vontade é considerada como uma “energia cega e surda, sem causa, nem alvo, nem limites, e cuja *pressão* faz o movimento de cada um”.⁶⁵ É possível, portanto, reconhecer nessa *pressão* (*Drang*) um dos componentes do *Trieb* freudiano. À diferença de Schopenhauer, porém, não identifica o psiquismo com essa *força*, mesmo sendo ela a que coloca o aparelho anímico em ação ao fazer-lhe uma ‘exigência de trabalho’ que vai da descarga imediata da excitação até à sublimação, passando por todas as vicissitudes da atividade sonhadora, neurótica e delirante de cada ser humano.

Afinal quem é o herói simbólico da psicanálise? *Quem* ou *o que* pode personificar o sujeito freudiano?

Bem que gostaríamos que fosse Ulisses, o astuto *Ninguém*, o mestre do duplo nome e sentido, cuja arte de manejar a palavra, inteligência, malícia, astúcia, curiosidade, prudência, lhe permitem levar a melhor sobre o irracional representado pela sede de vingança de Netuno, a força bruta de Polifemo, a sedução das sereias e a magia de Circe.

Todas essas qualidades, porém, perdem a eficácia quando se impõe a confrontação com o Inconsciente e com Isso que, tomando corpo e tomando o corpo, ganham em intensidade e em mistério aquilo que perde em capacidade de invenção e de produção de enigmas. O Isso, deixando de ser inteligente, deixa de ser inteligível, ficando nosso existir nas mãos do desconhecido. O “*Isso*, em letras maiúsculas

⁶² FREUD, S. *O Ego e o Id*. O.c., p.76

⁶³ GAY, P. *Freud*. O.c., p.376.

⁶⁴ LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o Id*. O.c., p.143.

⁶⁵ PONTALIS, J.-B. *ISSO em letras maiúsculas*. O.c., p.11.

- nos diz Pontalis - está certamente *em* nós. Isso nos dói, isso nos devora, tanto quanto nos anima. Tudo o que conhecemos de intenso - a intensidade apaga toda a distinção entre o quantitativo e o qualitativo - emana disso”.⁶⁶

5. Considerações finais

Mesmo que inexista, em Freud, uma tematização da questão do sujeito filosófico, é possível inferir uma problemática freudiana do sujeito. Fundamentalmente, há uma recusa radical em identificá-la com a consciência, situando-se psicanálise no eixo do descentramento copernicano, apesar de algumas passagens insinuarem recaídas ptolomaicas. Por essas razões, continua sendo, para nós filósofos, um interlocutor imprescindível e provocador.

Na primeira tópica, há um *descentramento do sujeito* da consciência para o inconsciente, o que evoca uma divisão do sujeito de caráter estrutural porque se encontra não apenas na experiência da psicopatologia (homem sofredor) mas também na atividade psíquica do homem normal (sonhador e produtor de cultura). O descentramento ainda não é tão radical, porque afinal o conflito se dá entre as pulsões sexuais reguladas pelo princípio de prazer e as pulsões do eu, de autopreservação, não erotizadas, regidas pelo princípio de realidade.

Com a reformulação da teoria das pulsões (*Além do princípio do prazer*), o descentramento se radicaliza. A pulsão de morte, a pulsão muda, é desvinculada do conceito de representação. Torna-se mais marcada pela força, sem possibilidade de ser absorvida totalmente pelo universo da representação e da simbolização. A dimensão econômica do psiquismo passa a ter a hegemonia sobre a dimensão tópica e dinâmica.

Na segunda tópica (*O Ego e o Id*)⁶⁷, Freud articula sua nova teoria das pulsões (Eros – Thanatos) com as noções de Id, Ego, Superego e radicaliza seu discurso desconstrutivo da subjetividade que

herdamos da modernidade. O indivíduo pode até acreditar narcisicamente numa subjetividade autocentrada (eu ideal), mas na realidade é duplamente descentrada pela pulsão e pela alteridade. Estrutura-se no jogo permanente de inúmeras e sucessivas identificações, o que implica a renúncia à hipótese de uma identidade originária e a busca da subjetividade no mundo do outro e da cultura em geral.

Ao mesmo tempo, é possível vislumbrar a existência de um certo discurso construtivo da subjetividade que aponta para a necessidade de pensá-la, articulando indissociavelmente sua dimensão de corporalidade, temporalidade, intersubjetividade e linguagem.

A expressão mais eloqüente das ambivalências ou hesitações freudianas com relação à problemática do sujeito talvez se encontre na famosa e controvertida frase acima já mencionada: *Wo Es war, soll Ich werden* (Onde Isso era, Eu deve advir), uma articulação paradoxal dos determinismos das pulsões com a exigência ética de um ‘dever’ ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. *O inconsciente*. Vol. XIV da ESB.

___ *Além do Princípio de Prazer*. Vol. XVIII da ESB.

___ *O Ego e o Id*. Vol. XIX da ESB.

___ *O humor*. Vol. XXI da ESB.

___ *A teoria da libido e o narcisismo*. In: *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Vol. XVI da ESB.

___ *A dissecação da personalidade psíquica*. In: *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. V.XXII da ESB.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁶⁶ PONTALIS, J.-B. ISSO em letras maiúsculas. O.c., p.15.

⁶⁷ FREUD, S. O Ego e o Id. In: *O Ego e o Id; Uma neurose demoníaca do séc. XVII e outros trabalhos*. 1.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB). Vol. XIX. As citações ulteriores da obra de Freud remetem à primeira edição da ESB. Para dar um mínimo de padronização aos termos Id, Ego, Superego, reservamos a inicial maiúscula apenas em títulos e subtítulos, quando os três termos andam juntos e por fidelidade na transcrição de citações.

GREEN, A. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

GRODDECK, G. *O livro d'Isso*. S. Paulo: Perspectiva, 1984

JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o id*. S. Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. A sublimação e o *Wo Es war*: In: *Problemáticas III: a sublimação*. S. Paulo: Martins Fontes, 1989, p.161-163.

MASSON, Jeffrey Moussaieff (ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess, 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PONTALIS, J. B. ISSO em letras maiúsculas. *Percurso*, XII, n.23, p.5-15.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WOLLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. S. Paulo: Cultrix, 1971.